

JOAQUIM PESSOA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MAIO 2000

«A publicidade, os livros, os jornais são muito afetados nas grandes crises, porquê? Porque quem compra os jornais e os produtos publicitados é a classe média.

O poeta será muitas vezes pessimista porque é uma forma de colocar dúvidas, de interrogar e procurar respostas. O motor deste mundo é um grande ponto de interrogação. E cada vez definimos menos a nossa vida. Somos uma espécie de matraquilhos comandados por uma mão qualquer. Creio ser por meio da assunção de uma entidade cultural que o homem poderá libertar-se».

A idade foi-o levando a mudar algumas coisas, nomeadamente na poesia?

De certeza. A idade vai-nos transformando e dá-nos a possibilidade de ver as coisas com os nossos mesmos olhos, mas que passamos a entender e a compreender de uma outra maneira. A sedimentação do conhecimento é um apetrecho valiosíssimo e insubstituível.

Arrepende-se de ter sido politicamente militante na sua escrita?

Sou, acima de tudo, um militante da vida. Não consigo estar parado nem de costas voltadas para ela. Envolve-me sempre com os outros e, envolvendo-me com os outros, envolvo-me com todas as faces deste poliedro em que vivemos. Terei sempre de ser militante. Se mais politicamente ou não, essa será uma questão que se prende, por vezes, com as próprias disponibilidades e porque se foi pensando a vida de outro jeito. A minha forma de ser militante é hoje um pouco diferente.

Deixou de ser um poeta de Abril?

De maneira nenhuma. Já era um poeta de Abril antes de Abril. Sinto pena de não ter podido cantar num tempo anterior ao da revolução aquilo que depois cantei; e cantei com entusiasmo, com alegria, todavia deu-se uma certa mágoa.

O que não cantou antes de Abril foi por não querer correr riscos?

Escrevi o meu primeiro livro antes do 25 de Abril. Alguns poemas (era muito novo) foram publicados no suplemento juvenil do *Diário de Lisboa*, graças a Mário Castrim. Cheguei a ter problemas na tropa, em finais dos anos sessenta. Fui chamado ao comandante porque um desses poemas falava de um soldado que tinha sido atingido por

balas, o soldado esvaíra-se em sangue e desse sangue iam nascer flores vermelhas.

Soldado, sangue, flores vermelhas, um poeta-conspirador...

Perguntou-me se era eu aquele Joaquim Pessoa, e por que eram vermelhas as flores. Respondi: pois, podiam ser amarelas ou azuis. Avisou-me seriamente, lembrou-me que tinha um filho pequeno e as consequências que poderiam advir do facto de publicar coisas daquelas...

Logo a seguir, escreveu mais?

Este tipo de episódios ajuda-nos a formar melhor a nossa consciência política. Passei a escrever mais coisas semelhantes àquele poema. Fui publicando avulso.

Quando achou que era tempo de publicar o primeiro livro, *O Pássaro no Espelho*?

Pensava assim: para quê pôr alguma coisa cá fora que vai diluir-se naquilo que todos têm feito? Esperei por uma certa maturidade dos meus poemas; terá acontecido por volta dos 25 anos. Senti, então, estar a realizar algo que poderia já ser diferente, um milímetro que fosse. Um livro, contudo, tem sempre defeitos, porque é humano.

Não andou pela corrente da Poesia-61. Qual julga ter sido a sua diferença em termos de conceção poética? Um verso mais discursivo, mais retórico?

No meu primeiro livro poderá encontrar-se uma parte inicial mais discursiva, mais retórica se quiser chamar-lhe assim, de inflexão social e política; há, contudo, uma segunda que é um exercício reflexivo sobre a própria poesia e a ligação da palavra poética à palavra comum, textos muito mais oficinais, que penso mostrarem o meu outro lado enquanto poeta.

Com influências de Baudelaire, Éluard...

Não rejeito essas influências, orgulham-me. Tenho, no entanto, uma outra, porventura a grande influência: Neruda, em especial na poesia de inclinação social. A apanhar estes dois hemisférios de influências, encontra-se a minha poesia de amor que julgo não ter “herdado” de ninguém.

Poesia que tem que ver apenas com a sua interioridade?

Não sei de onde vem, nem quando: é uma coisa muito profunda. A gente não inventa nada. Chego a rever-me em poemas de amor com três ou quatro mil anos. Talvez por isso escrevi *O Falso Poema Assírio*. O amor é — foi sempre — o grande tema da poesia. A poesia tem de ser corpo. Não há nada mais profundo do que a relação a dois. E disseminamos esse amor por uma série de coisas; transportamos o amor individual para todas as faces do amor coletivo.

Depois de ter recebido o Prémio de Poesia da APE, em 1981, vence no ano seguinte o Prémio António Nobre. Que o liga a este poeta finissecular?

Em termos estéticos, António Nobre tem uma musicalidade e um ritmo interior que aprecio; não espera pelas margens para rimar, faz a rima por dentro. Foi um prémio que, por ter o patrono que tem, me deu uma alegria redobrada.

É-lhe fácil chegar aos outros sem precisar de ceder à facilidade?

Nunca cedi à facilidade. Tenho o meu lado lunar em livros como *O Amor Infinito*, *Fly*, *Peixe Náufrago* ou *O Livro da Noite*, que não serão para um público vasto. E o outro lado, que está, por exemplo, no *Amor Combate*, *Os Dias da Serpente*, *Canções de Ex-Cravo* e

Malviver, não é uma cedência em termos qualitativos para chegar às pessoas; nesses livros trato a minha vivência; uso uma linguagem na qual, sem facilitar, todos possam rever-se como se reveem no mundo.

Bem amado?

Um homem amado, sim. E também amo pensando sempre mais no meu semelhante do que em mim. Não sei se esta forma de generosidade é, ao mesmo tempo, um egoísmo, na medida em que, para estar de bem comigo, entrego-me aos outros. O olhar para trás e ver-me de cabeça levantada, sentir que os outros foram uma constante na minha vida, dá-me um imenso bem-estar. Não me lembro de tomar atitudes do género: *quero que os outros se lixem*.

Produção literária deve ter apoios oficiais?

As situações terão de ser vistas caso a caso, seja na literatura ou noutras artes. Creio que todos lamentamos, por exemplo, que a um homem com a genialidade de Carlos Paredes não tenham sido dados apoios para que pudesse ser criada uma escola da guitarra portuguesa. Aquela guitarra morre com Carlos Parede, sem negar o valor de outros grandes intérpretes.

Como estabelecer critérios de bolsas ou de subsídios no domínio da criatividade?

É possível a avaliação de necessidades reais; não podem ser dados subsídios a toda a gente. Outra via: o apoio a projetos, mas um apoio que seja concretizado e não deixe ninguém em risco. Torna-se indispensável uma política cultural que faça a aproximação não só à leitura como a todas as áreas culturais. Um país que não cuide da sua cultura não progride.

Se pudesse viver só da escrita deixaria de trabalhar em publicidade?

Hoje mesmo... Sou, até, dos poetas que vendem bem em Portugal, porém, mesmo assim, não dá.

De que modo convivem o Joaquim Pessoa da palavra poética e o da publicidade? Não se sente mal no texto publicitário?

Um ato legítimo. A opinião das pessoas será sempre formada por influências dos discursos do pai, da mãe, do marido, da mulher, dos filhos, dos jornalistas. A publicidade é apenas mais um discurso que tenta influenciar a opinião.

Publicista, um criativo que visa o ato comercial. O poeta, em princípio, deve ser o contrário. Tem dupla personalidade?

Curiosamente, há uma dupla, ou até uma tripla personalidade em mim, mas na poesia. O poeta de *Amor Combate* e de *Canções de Ex-Cravo e Malviver* nada tem que ver, por exemplo, com o poeta de *Peixe Náufrago*. De vez em quando, sinto que me transmuto, existe um outro cá dentro.

Há uma voz terrena no seu registo poético. Não passa pelo transcendental. Deus não o preocupa?

Já fui um homem sem preocupação nenhuma em relação a Deus. Ando hoje à sua procura, em quê, onde? Não penso em Deus como um senhor de barbas, vestido de branco, de braços abertos. A procura de Deus é o sentido último das coisas, o primeiro e o último; o tentar compreender-me a mim mesmo, saber qual o meu lugar aqui. Será difícil que um poeta não faça essa busca. O homem não pode achar-se sozinho num mundo feito com os outros.

Não o satisfaz a teoria da criação do mundo a partir do *Big Bang*?

De alguma maneira, sim, mas sabemos que nada surge do nada. O *Big Bang*, a grande explosão, teve ainda de partir de alguma coisa. O mundo científico apaixona-me, transporta-me para a tal procura de Deus; a ciência diz-me nada ser obra do acaso; há valores, todavia, que, à escala humana, quase não podem existir.

Valores que não descobriu em catecismos?

Não procuro Deus no catecismo, mas sim no sentido das coisas. Uma árvore tem umas sementinhas com asas e as sementinhas vão fecundar uma outra árvore para que a espécie não acabe. As asinhas das sementes aumentam-lhe o volume diminuindo-lhe o peso específico para a semente voar. Quem pensou que aumentando o volume diminuía o peso específico, foi a árvore?

Respostas, quem as tem?

Sinto ser na descoberta e na libertação que a palavra poética também é, que ando à procura de Deus, porque em mim encontro um deus ainda dominado pelo homem. E quando consumo o melhor de mim mesmo em busca dessa libertação, não posso admitir um deus castrador. Acredito num deus que seja harmonia. Se algum dia lhe verei o rosto, não faço a mínima ideia.

Qual a “distância entre o corpo e a terra”?

Nenhuma. A terra é um chão, um berço, a nossa casa, de onde viemos e para a qual voltaremos. O corpo não é mais do que o prolongamento da terra da qual me sinto irmão.

Perante a morte, o homem sentirá que «nenhuma morte apagará os beijos»?

Espero construir a minha morte em vida, procurando que alguém, seja quem for e quando for, possa um dia ler um verso meu e ser tocado por ele. A minha poesia só tem possibilidades de viver

enquanto for recordada; e enquanto for recordada e ajudar a acordar os outros, então estarei vivo.

Escreve para construir a eternidade?

Sem ter uma grande pretensão, acho que não haverá nenhum poeta, nenhum artista que não o faça, no sentido de que todos nós somos os outros. O que escrevo foi meu quando estava dentro de mim. Exorcizei-o, pu-lo cá fora; a partir daí, desejo que a minha obra seja dos outros mais do que minha. É nesse aspeto que construo a minha morte. Quanto ao resto, só tenho dúvidas, cada vez mais dúvidas.

“O poema acabado é uma insónia”, a autoria é sua. Tudo o que tem escrito rouba-lhe o sono?

Na escrita há algum sofrimento mas igualmente uma alegria profunda. Enquanto se escreve fica-se em estado de graça, podem chamar-lhe inspiração ou outra coisa. Quando acabo um poema, volta a normalidade, o vazio. A normalidade, a linguagem comum, é isso que incomoda o poeta.

E o medo entre um poema e outro?

Nesse intervalo dá-se a grande insónia: vem a inquietude associada às interrogações: que vou escrever a seguir?, serei capaz de fazer melhor?... O verso que referiu é de um poema que dedico a Nuno Júdice, de quem sou leitor desde o seu primeiro livro; considero-o um dos nossos grandes poetas.

D’O Livro da Noite, pego-lhe num verso: “Terá mais fome o filho do meu filho”. Que mundo ajudam os poetas a criar?

Uma das nossas obrigações é alertar. Não me importa de estar errado, mas julgo que a poesia tem, também, a obrigação de palpar o mundo, de estar atenta aos sintomas e ajudar ao diagnóstico.

Já encontrou rima para a fome?

Cada um de nós tem uma fome, o desejo e tentativa de chegar à perfeição, de alcançar o equilíbrio, a harmonia; por isso fome rima com nome, o nosso nome-ser. É uma fome individual que talvez mate mais lentamente; a maioria de nós tem consciência de que nunca irá encher a vasilha por muita água que lá deite.

Com todo o respeito pelas fomes poéticas, a fome de milhões de crianças em todo o mundo é-lhe indiferente?

Jamais poderia alhear-me desse drama. São as assimetrias económicas, sociais e culturais, todas as clivagens que resultam numa tragédia com nome, também: chama-se o poder dos homens, o poder das nações exercido de uma maneira que não faz sentido.

Tem de haver capital...

De forma, porém, a que toda a gente possa viver com dignidade. Terá sempre de haver quem ganhe mais, outros menos, inevitavelmente, porque o desempenho, o talento, a qualidade de cada pessoa são diferenciados, mas o mínimo deve estar assegurado. Sabemos que há gente em Portugal e noutros países a viver como animais, no estado mais primitivo do homem. Seria bom que a todos os habitantes desta casa-comum, que é a Terra, lhes fossem dadas condições de humanidade, de dignidade. E que, depois, cada um fizesse o melhor por si e pelos outros.

De certo modo, a classe média representa hoje os novos pobres envergonhados?

É um facto. E deram-se, entretanto, transferências: uma parte do operariado passou para a classe média, indiscutivelmente a mais penalizada e esmifrada, até nos impostos. A publicidade, os livros, os jornais são muito afetados nas grandes crises, porquê? Porque quem compra os jornais e os produtos publicitados é a classe média.

Foi também bancário. Qual a “cor do dinheiro”?

Infelizmente, a cor do dinheiro é a do sangue; está muito sujo de sangue e de sofrimento. O mundo pertence a cerca de 500 famílias, e distribuem-se uns trocos por biliões. Há povos onde os seus mandantes têm feito fortunas incomensuráveis.

À direita e à esquerda...

Sem dúvida, à esquerda e à direita. A situação do mundo é a de um novo escravagismo. Escrevo, no sentido de ser mais uma voz a lutar contra situações humilhantes, aviltantes.

Vozes que pregam no deserto?

Muitas vezes sinto-me a pregar no deserto. Há momentos de desânimo, de cansaço, mas não de desistência.

Ideologias entraram em falência?

O mundo está dividido entre os que dele querem retirar o mais que puderem e os que querem dar ao mundo o mais que possam. Estamos entregues à tecnocracia, as pessoas são o número de contribuinte, e as ideologias esbatem-se. Vão-se criando, todavia, novas consciências que reclamam valores do humanismo.

Em que medida a poesia pode ser uma terapêutica?

Nunca resolverá nada, será sempre uma forma de consciência a ajudar as consciências de quem pode resolver os problemas. Se todos tivéssemos uma consciência poética, o mundo seria bem melhor. Temos, porém, uma consciência com o sentido do perecível, do «aproveitar enquanto cá estou...»

Poesia não é isso...

Não. Todos os criativos andam a escrever o grande livro, seja o da arte poética, o da escultura, da pintura, o de todas as artes. Esse grande livro é uma das âncoras do homem para não resvalar.

Olha-se para si e parece ter um certo ar de apóstolo. Um predestinado?

O poeta tem a sua função de apóstolo, especialmente o poeta que não se fecha na sua torre e procura olhar em volta. Daí pensar que, ao fim de ter publicado duas dezenas de livros, a minha dívida para com os outros é muito maior do que quando publiquei o primeiro.

Responsabilidade aumenta com a expectativa dos leitores?

Devo-lhes sempre mais. Se acaso lhes continuasse a dar o que já lhes dei, igual ou pior, a qualidade média baixaria, seria horroroso e então devia parar, porque começava a delapidar a minha obra.

Como avalia o grau de qualidade das suas obras?

Poderá parecer vaidade, todavia para analisar o meu trabalho consigo libertar-me da minha casca de poeta. De alguma maneira, serei o crítico mais exigente das minhas obras, embora possa não ser aquele que tem mais capacidade de análise. Uma coisa garanto: nada do que escrevo é publicado sem profunda reflexão. Leva-me mais tempo a trabalhar o que já escrevi do que a escrever.

Escrita compulsiva?

Quase obsessiva. É como se tivesse um novelo dentro de mim e, enquanto não vier para fora, dá febres altas. Nem sempre tem sido assim mas vai-se dando mais e mais desta forma: a escrita a funcionar como catarse, um exorcismo. Escrevo de uma assentada e, depois, deixo as palavras a esfriar.

Atravessa períodos de hibernação?

Estou meses sem conseguir escrever um verso. Cada vez mais, sinto um livro como sendo um só poema e não um somatório de poemas. Foi uma mudança que me fez voltar a um dos meus velhos amores: as artes plásticas.

A sua exaltação lírica encontra maior eco no poema longo?

Hoje, é mais isso. Há em mim o sentimento épico do homem-povo, do homem-comum, do homem sem rosto que somos todos nós. Este mundo é vasto, no entanto em cada sítio os problemas são relativamente semelhantes, seja na Nova Zelândia, lá do outro lado, ou aqui. Chegamos, contudo, ao fim da vida, o homem da Nova Zelândia e o de Portugal vivem a mesma época e no mesmo mundo, têm problemas comuns, e não se conhecem.

Humanidade sem pontes?

A minha poesia tenta ser um fator de ligação de todos estes mundos naquilo que o homem tem de essencial na sua vivência e condição humanas, por mais diversificadas que sejam.

Orgulha-se da obra literária que já realizou?

Orgulho-me do que tenho feito, porque o faço tentando encontrar algum sentido na vida; lutando pela língua e pelos outros; lutando pela palavra poética. Entenda-se por palavra poética a do ato criativo.

Ao escrever é, de certa maneira, como se estivesse no divã de Freud? Uma forma de se auto psicanalisar?

Porventura sim, porque a poesia começa por ser um encontro comigo mesmo e dão-se, por vezes, alguns conflitos com os meus outros eus. Tenho procurado disciplinar este pequeno rebanho, não sem alguma angústia.

Sente-se uma ovelha tresmalhada no panorama literário português?

Sou, com certeza. Tem um pouco que ver com a minha maneira de ser e estar.

Achou-se posto à margem em alguma ocasião?

Um pequeno exemplo: quando *O Livro da Noite* ganhou o prêmio da Associação Portuguesa de Escritores, quase todos os jornais deram a notícia menos o *Jornal de Letras*; calou, então, a notícia de um prêmio da APE...

Poeta maldito?

À falta de outra palavra, poderá ser essa.

O rótulo de homem de esquerda, à semelhança do que se passou com José Gomes Ferreira, será causa próxima dessa "maldição"?

Terá começado por aí, no entanto correspondeu apenas aos primeiros cinco, seis anos da minha poesia; os outros 18 ou 19 não têm rigorosamente nada que ver com essa fase.

Admite que, em dado momento, tenha caído numa poesia panfletária?

A minha poesia nunca foi panfletária.

Que o levou a abandonar o Partido Comunista em 1982?

Prendeu-se mais com questões formais. Mas ainda bem que o Partido Comunista existe e espero que funcione melhor do que tem funcionado, porque faz falta à nossa democracia. Continuo um homem de esquerda, entendendo um homem de esquerda como alguém que tem uma consciência humanista.

Terá sido uma carga negativa, na sua carreira, o facto de haver escrito letras para festivais e cançonetistas, embora com intérpretes ao nível de Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Carlos Mendes, Carlos do Carmo ou Manuel Freire?

Uma falsa questão. Mais de noventa por cento dos textos dessas canções são poemas de livros meus que foram musicados e cantados, como sucedeu com poemas de Camões, Manuel Alegre, O'Neill, Pedro Tamen. E Vasco Graça Moura não fez também textos para Carlos do Carmo cantar? Ninguém ocupa o lugar do outro. Somos todos poucos.

Num mundo rodeado de meios de informação céleres, a crítica literária minuciosa ainda pode ser útil?

Desapareceram dos jornais as páginas literárias e deixaram de haver programas que davam uma visão crítica do nosso trabalho para um público alargado; fazem falta para que não se fique no hermetismo da crítica académica, necessária mas não basta. O que, por exemplo, o *Diário de Notícias* e o *Diário de Lisboa* fizeram em prol da cultura com as suas páginas literárias e suplementos infantis e juvenis foi de uma importância vital para leitores e autores.

Tudo se transforma...

Só que nunca houve um tempo em que os media fossem mais fazedores de opinião do que hoje, e, se falarmos em termos de televisão, estaremos a dar o exemplo máximo. São os média que acabam por criar um padrão de gosto no público. Tal como fizeram para nos darem uma subcultura, será preciso um esforço, inclusive um esforço financeiro, a fim de inverter-se a situação.

Começa a rejeitar-se a massificação de determinado "padrão de gosto"?

Verifica-se um fenómeno de evolução mas também de involução. Desapareceu o humor inteligente, caiu-se na gargalhada fácil, é a cultura do boçal. Creio ser inevitável, ainda bem, que se exija um pouco mais a nós próprios e aos media. As pessoas começam a não aturar o que vai por aí e dizem-no nem que seja fazendo "zapping".

Está a dar-se o regresso ao livro?

Há um regresso ao livro não apenas pelo cansaço relativamente aos media mas porque as novas tecnologias não são mais a curiosidade, a paixão; vão-se tornando num instrumento de rotina, seja em termos de trabalho ou de diversão. Entre outras, a novidade pode voltar a ser o livro.

Admite que as camadas jovens estejam a mostrar-se mais interessadas pela leitura, em particular pela arte poética?

A experiência que tenho junto das escolas dá-me a noção do interesse dos alunos e professores. A poesia dita desperta mais, mas tudo deve ser dado com conta, peso e medida, tal como os medicamentos: a dose certa cura-nos, se houver sobredosagem pode matar-nos. Uma récita de poesia que ponha as pessoas a trocar as pernas e a torcê-las é estar a matá-las para o próximo recital.

Diz-se repetidamente que se lê pouco em Portugal e muito menos poesia... Uma falácia?

Um falso problema. O consumo é maior; as editoras estão apetrechadas de outra maneira e editam mais. Fazem-se em Portugal tiragens de poesia iguais ou mesmo superiores às de França que tem, pelo menos, cinco vezes mais habitantes do que o nosso país e com um estádio médio cultural superior ao nosso. Quantitativamente (não digo qualitativamente) lê-se hoje mais poesia. Não estou a dizer com isto que somos um país de poetas, somos um país que gosta de poesia, o que é diferente.

Deixou de fazer sonetos?

Tenho momentos em que só me apetece fazer sonetos e a eles me entrego. O ritmo que as duas quadras e os dois tercetos impõem é uma dança espantosa e diferente.

A propósito: sabe dançar?

Um pouco pé de chumbo... Jeitinho só para valsa, tango... A minha relação com a dança começou por ser a de revolta contra a mentira, a farsa, de que a dança, aliás, não tem culpa. Em miúdo, com os meus dez anos, via que os namorados não podiam andar na rua de mãos dadas...

Era um escândalo social...

Mas se os deixassem ir a um baile, aí enlaçavam-se, embora a família mandasse sempre alguém a fazer de pau-de-cabeleira. Dizia de mim para mim: isto é uma hipocrisia! Fiz um pré-juízo sobre a dança que obviamente corrigi. A dança nunca teve culpa das mentalidades. E sinto-me atraído pelo movimento e a beleza da dança, tanto do ponto de vista humano e emocional como pelo estético e criativo.

“Sofri a saudade”, revela-nos no poema *O Canto e as Lágrimas*. Saudade, algo genuinamente da “alma portuguesa” como defende Pascoaes?

Não sei se a saudade será um sentimento genuinamente português, poderá existir noutras culturas mas é, com certeza, um sentimento enraizado e exacerbado nos portugueses. Desde sempre, os nossos trovadores cantaram a saudade. Somos um povo emotivo, nem sei se conheço algum mais emotivo do que nós. Seremos, hoje, talvez, o povo da saudade. O fado traduz, de algum modo, esse sentir.

As novas gerações redescobriram o fado com intérpretes de inegável qualidade. Que fenómeno é este?

O de algum crescimento interior em relação às coisas da nossa cultura. É um pouco como as marés: há momentos de abaixamento e outros em que as ondas ficam crispadas. O fado, por razões diversas, sociais, culturais e até políticas, tem sofrido solavancos, umas vezes maltratado, outras bem tratado. A revisitação que está a fazer-se prova haver uma identidade entre o fado e a alma portuguesa, com potencialidades que não podem deitar-se fora. As novas gerações, sem complexos, ganham consciência disso, recriando, melhorando.

Uma saudade, mesmo doendo, de que não queira apartar-se?

A saudade de minha mãe.

Poeta e pintor: um casamento harmonioso ou muito discutido?

Um casamento que procuro seja feliz, mas que tem as suas discussões. É um casal que só se dá bem na solidão. O poeta e o pintor convivem em mim, porém, um de cada vez. Crescem sozinhos e encontram-se depois.

Como faz amor esse casal?

Digo num poema: "Vivo na minha vida duas vidas, uma que me persegue e outra que me foge, sinto que uma terceira vida me faria feliz". É com as questões dessa terceira vida que a minha poesia e a minha pintura fazem amor.

Que terceira vida, uma reencarnação?

A tal busca do sentido das coisas, possivelmente inalcançável; são metas que todos procuramos, oxalá alguém encontre a sua, eu ainda não a encontrei. Se calhar, a terceira vida é essa busca em si mesma.

Na pintura, cores vivas ou, então, plúmbeas. É de extremos?

Terei um lado lunar mais brilhante, no qual as cores são visíveis em toda a sua força cromática, como um grito; há um outro lado mais íntimo, em que procuro harmonias usando as diversas tonalidades de uma mesma cor.

Veste-se consoante o estado de alma?

Não sou exuberante. Gosto de usar uma só cor com as tais tonalidades.

Fez um livro à volta dos nomes. Relaciona-se bem com o seu?

Até à primeira fase adulta, não gostava muito do meu nome, Joaquim. Depois comecei a encontrar nele alguma profundidade, um nome antigo de foragidos e ladrões mas também quase um nome de santo; uma mistura que hoje me é muito querida. É pelo nome que respondemos, com ele assinamos, com ele nos comprometemos. Curioso: estamos a voltar a nomes das nossas raízes como se fosse o regresso ao ventre.

Teve a preocupação de escolher o nome dos seus três filhos?

Uma: Joana Inês. Já gostava de ter uma filha Joana ainda antes de ela ter sido concebida. Gosto dos nomes que têm feminino e masculino. Outra: Rute Alexandra: Rute, um nome bíblico, ancestral, de uma grande beleza e ternura; Alexandra, um nome com um peso incrível. Outro: Joaquim; gostava que fosse Miguel Ângelo, ficou Joaquim, nome do pai e do avô. Nomes carregados de tempo e de história.

Filhos, que lugar ocupam no homem e no poeta?

Estacas cortadas de uma roseira, que se tornam independentes; deitam-se à terra, geram outra roseira que há de dar flor e mais estacas. São um pouco como os meus poemas: passa por eles toda a minha vida interior, toda a memória.

Memória, um dos seus cultos...

Só há memória. Tecnicamente, o presente não existe e o futuro é uma linha muito ténue entre presente e futuro. De sólido temos apenas o passado; com a argamassa que é a memória constroem-se os dias.

Século XXI sofre crise de memória ?

Sim, mas não quero ser redondamente negativo.

Poeta, um ser pessimista por natureza?

Tenho alguma ideia em relação aos outros, contudo só posso falar por mim. O poeta será muitas vezes pessimista porque é uma forma de colocar dúvidas, de interrogar e procurar respostas. O motor deste mundo é um grande ponto de interrogação.

O homem sempre à procura da libertação... Consegui-la-á?

Cada vez definimos menos a nossa vida. Somos uma espécie de matraquilhos comandados por uma mão qualquer. Espero que se encontrem soluções de libertação. Creio ser por meio da assunção de uma entidade cultural que o homem poderá libertar-se.

“Em Lisboa a gente morre sem idade”. Uma Lisboa que canta em muitos dos seus poemas. Que cidade é esta onde não se tem idade?

Sendo alguém que busca a memória, estou naturalmente voltado para as nossas raízes. A arqueologia apaixona-me. E dou por mim muitas vezes a pensar na nossa Lisboa que vai de Ulisses (se é que existiu, ou que Ulisses terá existido) até ao presente, com tudo tão longínquo e ao mesmo tempo tão próximo. Chego a não sentir distâncias entre a possível Lisboa de Ulisses e a Lisboa de Fernão Lopes.

Nega o tempo?

As marcas do tempo são visíveis na cidade como nas pessoas. Temos de conviver com as nossas rugas.

Tem uma poesia de amor e de ironia. Sente-se próximo de Alexandre O'Neill?

Mais próximo de Nicolau Tolentino. Jogo facilmente com as palavras e sinto, às vezes, um irresistível desejo de construir as coisas de forma lúdica, mas depois anulo um pouco isso porque essa facilidade também me contraria e aborrece; o jogo sarcástico na minha poesia é mais ao nível do conceito do que da própria palavra. A minha costela satírica é tolentiniana e, porventura, poder-se-á, também, encontrar nela um eco do "humor realista" de Soropita.

Compôs textos para teatro de revista. O trocadilho de palavras funciona melhor aí?

Foi uma coisa esporádica, em colaboração com José Carlos Ary dos Santos, no Adoque. Trabalhei textos que vivem muito desse trocadilho e nada têm que ver com a criação literária. Valeu como uma experiência e nunca senti atração especial.

Muitos dos seus poemas, inclusive pela musicalidade, parecem cantigas de roda. É o Joaquim Pessoa-menino que está dentro deles?

Há, com certeza, muita infância nesse jogo sonoro e nos aromas, porque nasci e cresci no campo, nas vinhas, nos pomares e pinhais do Barreiro, porém, talvez seja, sobretudo, um ritmo inato. Se houver uma sílaba a mais, acende-se imediatamente em mim a luz vermelha.

Daria um bom músico?

Tenho pena de não saber música, fico-me pela música dos meus poemas. Penso que terá sido a musicalidade que caracteriza a minha poesia a razão de alguns compositores haverem pegado nos meus textos para os musicar.

Rima é hoje tida como fora de moda, até inestética...

Os poemas não são melhores ou piores por terem ou não rima; não são mais modernos ou menos modernos por causa da rima. Respeito a opinião de todos mas tenhamos em conta isto: as vanguardas são, sucessivamente, retaguardas. Há, porém, gente que só sabe escrever de uma maneira e condena outras formas criativas. Quem serão os poetas da minha geração que ficarão na história da literatura? Sabe responder? Eu não sei.

Sabemos os que ficaram de outros séculos...

Cesário Verde, por exemplo, viu-se aflito para publicar alguns dos seus versos; era considerado um poeta de segunda. E, afinal, em que lugar da história da literatura estão os poetas que pontificavam na geração de Cesário? Mas Cesário Verde tem um lugar na nossa história literária moderna. Não me preocupa se vou ou não ficar nesse retrato de família; não ando a construir coisas para ficar na fotografia. Gostaria de me prolongar nas pessoas; se ficar nas pessoas, estarei numa memória coletiva.

Que sinais de identidade gostaria de ver também destacados na sua certidão de nascimento?

Que gostava de descalçar-me para patinhar nos regatos de chuva; que me lembro de uma tília junto a um poço, na quinta onde morava e, na Primavera, era um bailado de uma beleza inaudita, centenas e centenas de borboletas por cima da tília. Tenho pena que os meus filhos nunca possam assistir a um espetáculo dessa natureza. Um dia, em novembro, fui tirar uma certidão de nascimento, parei o carro,

numa zona ainda rural, perto de Alhos Vedros, a névoa estava poisada no solo; de repente, comecei a sentir o cheiro do estrume e as lágrimas rolavam-me.

Brincadeiras de miúdo?

Construir brinquedos: o *stick* de hóquei, trotinetas, fisgas, carrinhos de madeira, comboios. Não sou filho de pais pobres mas os meus companheiros de escola eram de famílias carenciadas; faziam os brinquedos deles e eu também gostava de construir os meus.

Espírito democrático...

A minha forma democrática de estar na vida começou, de facto, na infância. O terreno onde jogávamos à bola era do meu pai e só eu tinha uma bola colorida, muito bonitinha, contudo, quando íamos jogar, escolhíamos a linha e, se houvesse quem jogasse melhor do que eu, alinhava primeiro; podia nem jogar, apesar de a bola ser minha e o terreno ser do meu pai. Gostava que as coisas fossem assim.

Ainda tem alguma relação com o jogo futebolístico?

Gosto de futebol, embora não seja a paixão cega da adolescência. Ponho de parte um outro lado do futebol, que é o negócio, e continua a encantar-me o movimento criativo, a estética de um jogo de partilha; todos têm de jogar a pensar em todos; não aprecio desportos individuais. Já não vou muito aos campos, no entanto, não deixei de ir ver o último jogo no velho Estádio da Luz. O futebol é algo que se prende, também, com os afetos; uma forma de estar com os outros.

“Eu sou contradição e contradigo / a vontade que tenho de falar. / Calado como estou estou bem comigo”. Assim fala o poeta. Que contradição há em si?

O homem da palavra corrente, que também sou, é o que prefere estar calado; às vezes até me faço de parvo. O homem da poesia nunca fica calado perante nada.

“No interior de mim há uma montanha”. Outro verso seu. Já chegou ao cimo dessa montanha?

Uma montanha que procuro escalar para ver o que há no cimo e do outro lado. Dá-se nessa busca o diálogo comigo, com os outros e com o universo. É o meu encontro com a poesia. Conseguirei transpor essa montanha? Não sei. Se no momento da minha morte tiver tempo para pensar nisso, só nesse instante poderei dizer se o consegui ou não.

Poeta da inquietação?

Profundamente.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*